

MULHERES: o discurso e o silêncio na imprensa espírita

WOMEN: speech and silence in the spiritist press

Chaline de Souza¹

RESUMO: A pesquisa visa analisar a representação da mulher presente nas páginas do periódico espírita *Orientador* da cidade de Passo Fundo-RS entre 1948 – ano de fundação do jornal – e 1958, quando encerra o primeiro período de regular publicação. Nesse sentido, nosso olhar não se voltará somente ao que nos foi dito nos textos publicados, mas também a maneira como disseram, os termos que utilizaram os autores para descrever e/ou representar as mulheres e também nos interessará o interdito, estabelecido pelas zonas de silêncio, no que se refere às mulheres nas páginas do periódico. Procura-se, dessa forma, dar visibilidade à mulher como sujeito histórico no campo religioso.

Palavras-chave: Espiritismo. Mulheres. Gênero. Imprensa.

ABSTRACT: The intention of this research is to analyze the representation of women in the pages of the spiritist periodical *Orientador* of the city of Passo Fundo, between 1948 – the year the newspaper was founded – and 1958, when the first period of regular publication ended. In this sense, it will not focus only on what was said in the published texts, but also the way they said it, the terms the authors utilized to describe and/or represent women, and we also look at the interdict established by the silent zones, concerning women in the pages of the periodical. In this way an attempt is made to give visibility to women as a historical subject in the field of religion.

Keywords: Spiritism. Women. Gender. Press.

1 INTRODUÇÃO

Desde o início do século XX, o Espiritismo fora mobilizador de adeptos e um importante vetor doutrinário, assistencial, cultural e intelectual no Brasil e também no estado do Rio Grande do Sul e no Planalto Norte sul-rio-grandense, espaço a que delimitamos nossa pesquisa. Nas publicações referentes à formação sócio-histórica e cultural de Passo Fundo, percebe-se destaque à vinda de paulistas, de etnias como: portugueses, alemães, italianos, entre tantas outras, como formadoras da sociedade passo-fundense (BATTISTELLA, 2007). Em meio a essa constatação podemos compreender que, desde o início de sua formação, o município contou e conta com expressiva diversidade étnica e, consequentemente, cultural e religiosa.

A análise das representações de gênero nesse periódico espírita torna-se relevante e justifica-se devido à considerável contribuição do Espiritismo não só como crença, mas também como doutrina e assistência social. Em que pese que na cidade Passo Fundo houvesse, no início do século XX, a predominância da religiosidade católica, o Espiritismo entrou nas casas de muitos municípios e conquistou um número significativo de adeptos e inúmeros simpatizantes na cidade e região.

A delimitação instituída neste artigo busca dar visibilidade ao modo como as mulheres constituíram-se como agentes fundamentais na divulgação e consolidação do Espiritismo na cidade de Passo Fundo e região, recuperando assim alguns indícios de sua participação e retirando-as, de alguma forma, dos “silêncios da his-

¹ Mestranda em História Cultural e Patrimônio pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo. Graduada em História pela Universidade de Passo Fundo. E-mail: chalinesouza@hotmail.com.

tória”, utilizando a clássica expressão de Michelle Perrot (2005, p. 9-10).

Evidentemente, a irrupção de uma presença e de uma fala femininas em locais que lhes eram até então proibidos, ou pouco familiares, é uma inovação do século 19 que muda o horizonte sonoro. Subsistem, no entanto, muitas zonas mudas e, no que se refere ao passado, um oceano de silêncio, ligado à partilha desigual dos traços, da memória e, ainda mais, da História, este relato que, por muito tempo, ‘esqueceu’ as mulheres, como se, por serem destinadas à obscuridade da reprodução, inenarrável, elas estivessem fora do tempo, ou ao menos fora do acontecimento. No início era o Verbo, mas o Verbo era Deus, e Homem. O silêncio é comum das mulheres. Ele convém a sua posição secundária e subordinada. Ele cai bem em seus rostos, levemente sorridentes, não deformados pela impertinência do riso barulhento e viril. Bocas fechadas, lábios cerrados, pálpebras baixas, as mulheres só podem chorar, deixar lágrimas correrem como água de uma inesgotável dor. [...] O silêncio é um mandamento reiterado através dos séculos pelas religiões, pelos sistemas políticos e pelos manuais de comportamento. Silêncio das mulheres na igreja ou no templo; maior ainda na sinagoga ou na mesquita, onde elas não podem nem ao menos penetrar na hora das orações. [...] Silêncio até mesmo na vida privada.

Segundo a narrativa histórica sobre o Espiritismo em Passo Fundo, “entre 1902 e 1903, foi fundado o primeiro núcleo espírita local, daí vemos a proliferação de núcleos e centros e consolidação da doutrina na cidade” (ZANOTTO; SILVA; GASTALDON, 2013, p. 49). Cabe salientar que o Espiritismo em Passo Fundo esteve atrelado a figuras importantes do cenário político, econômico e social do município, como fora o caso de Antonina Xavier e Oliveira, que foi uma das primeiras mulheres jornalistas da cidade, publicando não somente no *Orientador* como também n’*O Nacional*, n’*A voz da serra* e n’*A Época*, quando o preconceito em relação ao exercício de algumas profissões pelas mulheres ainda era expressivo. Externa-se a permeabilidade do espiritismo entre a elite intelectual e inclusive figuras femininas que se destacaram em âmbito regional, apesar de serem sempre consideradas coadjuvantes nos cenários político, social e religioso da época.

O Centro Espírita de Caridade Dias da Cruz foi fundado no ano de 1935 na cidade de Passo Fundo após a extinção do Grupo Espírita Manoel Perez. Em abril de 1948, foi criado o jornal *Orientador* por iniciativa dos trabalhadores do Dias da Cruz, sendo esse utilizado como difusor da doutrina por meio de textos doutrinários, poemas, divulgação de celebra-

ções, eventos e acontecimentos de âmbito nacional e internacional.

Houve no Brasil, bem como no Rio Grande do Sul, no final do século XIX, uma diversificação da imprensa. Nesse contexto emergiram os primeiros jornais comprometidos com a doutrina espírita, que visavam introduzir na sociedade sul-rio-grandense os princípios ético-morais da crença, conforme a proposta original da codificação de seus postulados (DIAS, 2006).

A imprensa é sem dúvida uma fonte indispensável ao historiador, como destaca Maria Helena Capelato (1989); os periódicos não são transmissores imparciais ou neutros dos acontecimentos, entretanto, mesmo que permeados pela subjetividade, não podemos dispensar a análise, uma vez que, como a mesma autora destaca, a imprensa constitui um instrumento de manipulação de interesses e intervenção social. Dias (2006), ao compreender o processo histórico da imprensa, afirma que é necessário que avaliemos os caminhos que ela percorreu e sua extraordinária adequação às necessidades de uma sociedade em constantes transformações.

Durante o governo de Getúlio Vargas, sob o Estado Novo, houve cerceamento à livre manifestação de ideais, sobretudo sobre os impressos. Após o período ditatorial, em 1946, o privilégio de liberdade de imprensa estabeleceu a garantia do direito de resposta (MONTEIRO, 2003, p. 18). Fora desse contexto de maior liberdade de imprensa e de garantia de respostas a ataques, que emerge o periódico em estudo, o *Orientador*, não apenas para a difusão da doutrina, mas para explicar à sociedade sobre suas crenças e religiosidade, tendo um caráter também educativo. A publicação era também uma resposta aos ataques advindos de religiosos católicos na imprensa, tanto especificamente católica como na imprensa laica da região de Passo Fundo.

O periódico criado sob a direção de Alady Berlese de Lima, gerenciado por Ernesto Formighieri e redigido por Dalva Rozendo, lançou sua primeira publicação no dia 30 de abril de 1948. Anunciou em sua capa “Orientador sai do prelo, hoje pela primeira vez” (ORIENTADOR, 30 de abril de 1948, capa) e no decorrer do texto da capa esclarece que ele nascia “depois de uma prévia consulta aos bondosos e incansáveis emisários de Deus” (ORIENTADOR, 30 de abril de 1948, capa). Desde sua primeira publicação o discurso defendido nesse periódico era de que os espíritos esclarecidos não teriam apenas apoiado, mas estimulado a iniciativa de seus fundadores; desse modo, revestiam-se de um caráter metafísico e legítimo dos adeptos do Espiritismo.

O *Orientador* estabeleceu-se como vetor da difusão espírita não apenas na cidade, mas em toda a re-

gião. Esclarecia de antemão em sua primeira edição que se estabeleceria como um órgão mensal que daria não apenas voz, mas publicidade à doutrina, utilizando uma linguagem simples e compreensível, pautada nos ensinamentos do Evangelho segundo o Espiritismo.

2 “MULHER – SÍNTESE DO MUNDO”: O FEMININO REPRESENTADO NO ORIENTADOR

Vários foram os discursos que continham representações femininas publicados no periódico *Orientador*. Dessa forma, precisamos considerar o discurso como sendo uma prática que não está fora de um sistema de relações sociais. Seguimos então a regra de

perguntar ao discurso “quem” fala, significa remeter esse sujeito aos critérios de “competência” e de “saber” que lhe assegura o “direito de falar com sentido”, mas significa, sobretudo, remeter o discurso aos “lugares institucionais” de onde o “sujeito enunciativo” obtém esse direito (FOUCAULT, 1997, p. 57-58).

Eni Orlandi afirma que pelo estudo da análise do discurso podemos conhecer melhor aquilo que faz do homem especial com sua capacidade de significar e significar-se, sendo que a análise do discurso concebe a linguagem como sendo a mediadora entre o homem e a realidade natural e social (ORLANDI, 2009, p. 15). Desse modo, o discurso é o lugar em que poderemos observar a relação entre a língua e a ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos, em nosso caso os leitores do periódico *Orientador*. O discurso presente no periódico *Orientador* estava inserido no contexto de uma conjuntura determinada, nos quais eram expostas representações sociais, que implicavam moldar as mulheres de uma determinada classe e segmento religioso (PEDRO, 1997, p. 282).

No *Livro dos Espíritos*, organizado por Allan Kardec, o discurso acerca das mulheres é externado, como podemos ver a seguir:

822. Sendo iguais perante a lei de Deus, devem os homens ser iguais também perante as leis humanas?

“O primeiro princípio de justiça é este: Não façais aos outros o que não quereríeis que vos fizessem.”

a) – Assim sendo, uma legislação, para ser perfeitamente justa, deve consagrar a igualdade dos direitos do homem e da mulher?

“Dos direitos, sim; das funções, não. Preciso é que cada um esteja no lugar que lhe compete. Ocupe-se do exterior o homem e do interior a mulher, cada um de acordo com a sua aptidão. A lei hu-

mana, para ser equitativa, deve consagrar a igualdade dos direitos do homem e da mulher. Todo privilégio a um ou a outro concedido é contrário à justiça. A emancipação da mulher acompanha o progresso da civilização. Sua escravização marcha de par com a barbárie. Os sexos, além disso, só existem na organização física. Visto que os Espíritos podem encarnar num e noutro, sob esse aspecto nenhuma diferença há entre eles. Devem, por conseguinte, gozar dos mesmos direitos” (KARDEC, 1999, p. 466).

A mulher nessa conjuntura de um discurso doutrinário teria então os mesmos direitos que o homem, entretanto exercendo papéis distintos e pré-definidos. Nesse sentido, não ficariam liberadas de seu compromisso maior: preparar o homem do futuro, sobretudo considerando que

Deus apropriou a organização de cada ser às funções que lhe cumpre desempenhar. Tendo dado à mulher menor força física, deu-lhe ao mesmo tempo maior sensibilidade, em relação com a delicadeza das funções maternas e com a fraqueza dos seres confiados aos seus cuidados (KARDEC, 1999, p. 466).

A partir disso podemos compreender um pouco mais do discurso do periódico doutrinário espírita *Orientador* pelo fato de Kardec e seus livros serem os principais referenciais da doutrina espírita.

O fato de escrever sobre mulheres e para elas era um dos meios para designar comportamentos e identidades específicas. Essa prática é analisada por Foucault, que a define como poder disciplinar, um novo tipo de poder inaugurado no século XIX. Esse preocupado primeiramente com a regulação, a vigilância é o governo da espécie humana ou de populações inteiras e, em segundo lugar, do indivíduo e do corpo (FOUCAULT, 1997, p. 42). Seu objetivo básico consiste em produzir “um ser humano que possa ser tratado como um corpo dócil” (HALL, 2002, p. 43).

Podemos reconhecer esse “corpo dócil” em mulheres idealizadas pelo Espiritismo através do discurso do jornal *Orientador*: “Páginas e páginas são consagradas a ti, mulher, filha, mãe e esposa” (ORIENTADOR, 31 de maio de 1948, p. 5). A mulher sempre esteve atrelada à maternidade, e foi recorrente a ênfase em suas atribuições em tom romântico.

SER MÃE

Ser mãe é desdobrar fibra por fibra
O coração! Ser mãe é ler no alheio
Lábio que suga o pedestal no seio,
Onde a vida, onde o amor, cantando, vibra.
Ser mãe é ser um anjo que se libra

Sobre um berço dormindo. É ser anseio,
É ser temeridade, é ser receio,
É ser força que os males equilibra!
Todo o bem que a mãe goza é bem do filho,
Espelho em que se mira afortunada,
Luz que lhe põe nos olhos novo brilho!
Ser mãe é andar chorando num sorriso!
Ser mãe é ter um mundo e não ter nada!
Ser mãe é padecer num paraíso! (NETO, Orientador. Maio de 1950, capa)

O poema de Coelho Neto exprime uma idealização do papel social da mulher como mãe. Seguindo essa mesma premissa de atribuições às mulheres, encontramos no texto de Julieta Kwitko no ano de 1957 externando o “sublime papel da mulher” (KWITKO, 1957, p. 3). “Ó mulher, deves sempre honrar deste nome como filha, como esposa e como mãe. Jamais deverás ficar triste por teres nascido mulher. Tua missão é nobre e grandiosa. Não esqueça nunca seu dever, porque és sentinela do lar” (KWITKO, 1957, p. 3).

Desde o século XVII, ampliara-se na Europa a preocupação dos adultos com a infância, e a partir do século seguinte, as mulheres passaram a ser valorizadas em seu papel de mães e responsabilizadas pela vida e educação das crianças (PEDRO, 1997, p. 235). Tratava-se da inauguração da sociedade burguesa. Tal valorização da mulher como a educadora do lar é citada no texto do editorial do *Orientador*.

É grande a responsabilidade que assume a mãe perante Deus, visto que é ela quem principia a educação do filho que se tornará homem e cujo ensino e exemplo irão influir grandemente na sua formação moral. É a mãe que vela por noites consecutivas, com infinito cuidado pelo filho pequenino. É a mãe quem se encarrega de zelar pelos estudos do filho durante anos com a preocupação constante do futuro a esse ente que dela depende para ser bem-sucedido na luta material e para quem sonha todas as venturas. É ainda a mãe essa enfermeira paciente e abnegada, capaz de todos os sacrifícios quando vê doente o seu filho estremecido! A mãe é o sublime exemplo de amor e desprendimento. Mãe significa amor, renúncia, sacrifício, heroísmo anônimo, enfim (ORIENTADOR, 30 de abril de 1949, p. 4).

Para Pedro, essas imagens envolvendo mulher, amor e maternidade estiveram presentes nos jornais ao longo de todo o final do século XIX e início do XX; porém foram delineadas com cores mais vivas no momento da formação da elite ligada às atividades comerciais e ao transporte de mercadorias (PEDRO, 1997, p. 236). Em diversos textos do periódico analisado, as virtudes e os defeitos femininos eram apresentados, assu-

mindando formas de poemas, provérbios, comentários, notícias. De maneira geral, referiam-se a uma “natureza feminina”, ora valorizada, ora criticada. Nessa sociedade recém-urbanizada, novos modelos de mulher precisavam ser divulgados, e a religião teve papel fundamental (PEDRO, 1997, p. 236). Quanto às críticas a essa natureza que deveria ser feminina, externa-se no periódico essa ideia tanto de valorização como de crítica, caso esse modelo não fosse seguido. No trecho a seguir, podemos compreender tais valorizações e desaprovações:

Um dos mais belos ornamentos da alma feminina é o carinho. É uma virtude que está para a mulher, como o perfume para a flor. Esta, sem fragrância, perde parte do seu valor; aquela sem carinho deixa de encantar. O carinho atrai, fascina e eleva; se a mulher carinhosa é bonita, aparece-nos bela, e se é feia, torna-se simpática. Aquela que o possui prova ter evoluído o suficiente para ser classificada como verdadeira cristã. Considera-se pequena entre os homens, mas é estimada por todos e abençoada por Deus. O carinho revela nobreza de sentimentos das almas emancipadas dos enganos do mundo[...] O poder do carinho evidencia-se no lar, nas relações de pais com filhos. Há mães que se queixam da rebeldia dos filhos, porém não reparam que elas ressentem-se da falta de carinho, pois os que são criados sem ele não experimentam a sensação da ternura, da doçura e assim não podem praticar atos de tolerância, beneficência e perdão. E tu, mulher, se soubesse quantas vitórias alcançarias com o carinho, jamais terias palavras ásperas, principalmente para os que vivem no recesso do teu lar. Minhas irmãs: sede carinhosas que conquistareis o mundo e transformareis a face do Planeta (ROSA, Julieta Dutra. *Orientador*. Setembro de 1950, p. 2).

Nesse texto de Julieta Dutra Rosa, percebe-se a visão da doutrina espírita quanto à necessidade conciliadora das mulheres e a intenção de apaziguamento das relações familiares. Nesse sentido, cabe à mulher a pacificação do lar, como podemos observar no discurso. Percebemos também no artigo adaptado por Delva Rozeno, que remete ainda mais ao lugar a ser ocupado pela mulher na sociedade de espíritas:

A mulher sempre será a dominadora do mundo, desde que se coloque no lugar que Deus lhe colocou: anjo de paz dentro dos lares [...]

As mulheres governarão o mundo, guiando tudo e todos dentro da paz, do amor-harmonia, do bem, para a felicidade geral dos povos. Onde quer que se encontre o homem, deve estar a boa influência da mulher, exercida pelo coração. Para governar os homens, não necessitam as mães saírem de seu lar, basta que estejam presentes no pensamento e nos sentimentos de seus filhos (CASTRO, 1948, p. 3).

A emergência de novas elites propiciou a divulgação de imagens que restringiam as mulheres aos papéis familiares; entretanto a acumulação de riquezas foi de pequenos grupos, e dessa forma o cumprimento desse papel fora adotado por poucas mulheres. Para a maioria da população feminina, as condições econômicas não favoreceram a identificação das mulheres com tais moldes europeus e cristãos. A pluralidade étnica e a consequente diversidade de culturas dificultaram a homogeneização de comportamentos, que definiam para as mulheres os papéis de esposa, mãe e dona de casa (PEDRO, 1997, p. 236). O *Orientador* apresenta certo receio a esses novos moldes de mulheres da contemporaneidade, como no trecho a seguir:

e por que essa alegria está desertando do seio familiar? É que o mundo cada vez se torna mais endurecido e infeliz. Há imensa legião de mulheres que não acreditam mais na palavra de Deus, nem aceitam as responsabilidades de seus lares. Vão buscar, ilusoriamente, tudo isso no lodo dourado do mundo, nos chás elegantes, onde a comum e protocolar hipocrisia impera nos passeios fúteis, nos templos iluminados, vão as mulheres, distanciando-se dos seus sagrados deveres, acreditando que eram escravas dos homens, mas que agora conseguiram a sua emancipação total. Mas a verdade, dura verdade, é que essas mulheres escravizam-se por si mesmas, fazendo-se cativas da moda, pela vaidade, pelo luxo, com a ideia fixa de conquistar um lugar de destaque na sociedade – onde serão admiradas (CASTRO, 1948, p. 3).

Desse modo, a idealização das mães estava presa à missão civilizadora das mulheres, a qual, de acordo com o ideário espírita, deveria ser instruída para aperfeiçoar o esposo e educar os filhos para o mundo. Era justamente dentro dessa perspectiva que se defendia a educação não apenas masculina. O *Orientador* afirmava então que “educar é redimir, é fazer com que os prisioneiros das trevas encontrem a chave da luz; criar escolas evangelizadoras é formar caracteres sãos e íntegros” (ROZENDO, *Orientador*, novembro de 1949, p. 3). Tal discurso advinha de uma frase de Vitor Hugo também citada pelo jornal: “A liberdade começa onde termina a ignorância” (ORIENTADOR, *Orientador*, maio de 1950, capa), porém a incumbência da educação evangelizadora coube às mulheres envolvidas nas atividades do C.E.C. Dias da Cruz.

A predominância das ideias positivistas no Rio Grande do Sul significou a repetição, nessa região, dos mesmos discursos homogeneizadores dos papéis femininos: identificou a mulher como tendo uma natureza complementar à do homem, apresentando uma diferença que justificava sua educação específica. Mesmo as-

sim, significaram certo avanço, pois recomendavam a educação das mulheres, já que como mães eram as responsáveis pela construção dos “homens de amanhã” – coisa rara até então (PEDRO, 1997, p. 236). O *Orientador* refere-se a essa ideia não só de educação para mulheres, bem como da importância delas serem as “mestras”. No caso do Espiritismo, as mulheres ficavam encarregadas do ensino do Evangelho. Informações essas que ficam evidentes em um texto do ano de 1951:

O lar é a primeira escola educativa, a escola evangélica é o complemento desses ensinamentos; a mãe é a primeira mestra, a evangelizadora continua e amplia as perspectivas do aprendizado. O ponto de partida é o lar, e o de chegada o Evangelho. Mães e Evangelizadoras! Trabalhai e cooperai mutuamente, porque tendes incumbências semelhantes: amar e educar (ROZENDO, *Orientador*, junho de 1951, p. 3).

No texto publicado no ano de 1952, referindo-se a uma oração, escrita por Gabriela Mistral e traduzida por Alba Nascimento, o periódico e seus redatores re-produzem o discurso das incumbências de uma mestra:

Dá-me o amor único da minha escola: que nem a força da beleza seja capaz de roubar-lhe minha ternura de todos os momentos. Mestre, faça constante o meu fervor e passageiro o desalento. Arranca de mim este impuro desejo de justiça, que me perturba, e o protesto que ainda se ergue quando me ferem. Não me doa a incompreensão nem me entristeça o esquecimento daqueles a quem amei. Faze-me mais mãe do que as mães, para poder amar e defender, o mesmo modo que elas o que não é carne da minha carne. [...]. Que eu não leve à minha mesa de trabalho minhas pequenas preocupações materiais, minhas mesquinhas dores de cada hora (MISTRAL, 1952, p. 4).

Nesse sentido, os discursos afirmavam que as mulheres tinham, por natureza, uma inclinação para o trato com as crianças, que elas eram as primeiras educadoras, portanto nada mais adequado do que lhes confiar a educação evangelizadora das crianças. Se o destino primordial da mulher era a maternidade, bastaria pensar que a educação representava de certa forma a extensão da maternidade, cada aluno ou aluna vistos como um filho ou uma filha. Para Guacira Lopes Louro, o argumento parecia perfeito: a docência não subverteria a função feminina fundamental, ao contrário, poderia ampliá-la ou sublimá-la. Para tanto seria importante que o magistério fosse também representado como uma atividade de amor, de entrega e doação (LOURO, 1997, p. 388).

Em relação à mulher como sendo a esposa, textos sobre o casamento aparecem durante esses anos de

análise. Mesmo sendo uma das representações expressas nesse jornal, a de ser mulher e esposa, isso não quer dizer que o casamento tão desejado atendesse às suas expectativas. O periódico refere-se a esse fator afirmando que o “casamento na terra é uma instituição educativa em cuja intimidade nem sempre o amor é uma árvore feita” (XAVIER, *Orientador*, janeiro de 1952, p. 2). Na visão espírita, o casamento seria “o matrimônio das almas acima de todos os laços corporais ou convencionais” (LOURO, 1997, p. 388). Porém, no mesmo texto psicografado por Chico Xavier, o fato de casamentos não darem certo é citado: “Se a experiência do lar não é vossa, não vos sintais diminuídos por esse motivo. Lembre-se que Jesus não esteve nos seios conjugais do mundo, mas por isso não deixou de ser o sol da verdade e do amor para todos os séculos da Terra” (XAVIER, *Orientador*, janeiro de 1952, p. 2).

Muitos dos discursos recorriam a frases bíblicas e ao uso de exemplos de Jesus. Bem como usavam a imagem de Maria para elogiar suas virtudes maternas. Como na frase: “Maria, doce Mãe! Aplaca, Senhora, com a tua virtude, o ódio sanguinário; desarma os braços fraticidas; dulcifica os coração dos homens” (COGO, *Orientador*, 29 de fevereiro de 1949, p. 3). Há desse modo a supervalorização da figura da Virgem Maria e de suas principais características. Segundo Maria José Rosado Nunes, o simbolismo da figura de Maria, virgem e mãe, é marcante para as mulheres; concentra uma ambiguidade extrema pela valorização concomitante da virgindade e da maternidade (NUNES, 1997, p. 404).

As condições de produção, que constituem os discursos, funcionam de acordo com certos fatores. Um deles enfatizado por Orlandi é a relação de sentidos; nessa noção não há discurso que não se relacione com outros. Os usos de célebres autores internacionais e nacionais que encontramos ao longo dessa análise inserem-se nessa premissa de que para dar sentido o discurso adere de relações: “um discurso aponta para outros discursos que o sustentam” (ORLANDI, 2009, p. 39).

Há também a chamada relação de forças, em que, segundo essa noção, pode-se dizer que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz. Como a sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na comunicação. As imagens dos sujeitos dos artigos analisados resultam de projeções que funcionam no discurso (ORLANDI, 2009, p. 40). Desse modo, ao compreendermos os sujeitos desses discursos, percebemos que o número de textos escritos por mulheres e para mulheres é expressivo nas publi-

cações do *Orientador*. Mulheres essas sempre atreladas a cargos de destaque nos centros espíritas, já que a maioria dos textos advinha de autoras não apenas locais, mas de outras regiões, envolvidas em atividades ligadas às práticas assistencialistas dos centros espíritas e que representavam esses moldes de mulher. Os autores masculinos presentes nas narrativas eram também de destaque intelectual no meio espírita.

Ao analisarmos o discurso e as maneiras de ler, percebemos que nesse trabalho também é necessário que indiquemos que o dizer tem relação com o não dizer, por isso acolhemos o método ao praticar a análise. O silêncio é o “pensado como a respiração da significação, lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido” (ORLANDI, 2009, p. 40). Percebemos tais interditos e silêncios nos próprios títulos dos textos coletados: *A um coração de mulher*, *Ornamento da Mulher*, *A mulher mãe*, *Mãe – mulher dignificada* são alguns dos exemplos daquilo que Orlandi classifica como “pressuposto e o subentendido”. Seus autores separaram aquilo que deriva propriamente da instância da linguagem (pressuposto) daquilo que se dá em contexto (subentendido) (ORLANDI, 2009, p. 85). Podemos compreender que a imagem da mulher para esses autores remete apenas à representação dela como mãe/esposa/dócil, deixando claro em seus títulos o silêncio quanto às outras formas de ser mulher naquele contexto.

Mesmo que houvesse a presença feminina na composição do quadro regular de edição do periódico, havia, paradoxalmente, a reprodução do silêncio do feminino enquanto protagonista. A concentração majoritária de artigos envolvendo a mulher no mês de maio – mês das mães – e as poucas referências ao feminino nos demais meses do ano atestam tal contradição.

Fazem-se aparentes, explicitadas por meio de palavras que revelam a dimensão do sacrifício e comprometimento do papel de mulher concebido pelo periódico, ou seja, da mulher em relação ao marido enquanto esposa dedicada e do lar e, em relação aos filhos, enquanto mãe, protetora e educadora. As intenções implícitas nos discursos do jornal revelam-se e não se desprendem do imaginário da sociedade da época, na qual o gênero feminino, indiferente do ambiente e do papel social que fosse detentor, deveria prostrar-se ao masculino. Em se tratando da análise do discurso acerca do papel feminino, sobretudo quando relacionado apenas ao de esposa e mãe – predominante nos artigos do jornal –, há a noção de que o feminino deveria carregar o fardo da abnegação e do desprendimento de sua própria individualidade.

3 MULHERES DO DISCURSO À PRÁTICA

A presença feminina em meio ao Espiritismo foi evidente e merece destaque, da mesma forma que elas estão presentes na criação, divulgação e articulações de periódicos específicos de difusão da doutrina espírita. No jornal *Orientador*, fonte que analisamos em nossa pesquisa, a presença de mulheres ocorreu de forma expressiva e por mulheres com certo destaque intelectual e em âmbito social da cidade de Passo Fundo e região.

Muitas dessas mulheres têm sido anônimas para a historiografia; somente nos últimos anos, pesquisas têm-lhes dado visibilidade. É o caso de Antonina de Xavier e Oliveira e Dalva Rozendo, que, além de escreverem regularmente no periódico, fizeram parte da diretoria do periódico, além da participação em atividades filantrópicas assistencialistas preconizadas pelo C.E.C. Dias da Cruz em meio a um contexto em que mulheres não assumiam publicamente sua participação nos meios de comunicação.

O discurso conservador acerca da mulher não se manteve apenas no periódico analisado, pois essas representações advinham de um contexto mundial. A questão não seria, pois, perguntar quais as imagens mais verdadeiras ou mais próximas da realidade e quais as distorceram, mas sim compreender que todos os discursos formam e são igualmente representações; representações que não apenas espelharam essas mulheres, mas que efetivamente as “moldaram”. Em outras palavras, as representações da mulher na sociedade espírita visaram à construção da filha, esposa, mãe, educadora. Os discursos teriam a intenção de engendrar comportamentos preconcebidos do feminino, e às mulheres caberia dar significado e sentido ao que era atribuído a elas no periódico. Ao observar tal representação, não se está apenas observando indícios de uma posição feminina, mas se está examinando diretamente um processo social através do qual uma dada posição era produzida.

Observar como um grupo social é representado pode indicar-nos o quanto esse grupo exercita o poder; pode apontar-nos quem mais frequentemente é objeto ou é sujeito de representação. Esse é um processo em que certamente estão envolvidas questões de poder, ou seja, as representações são construídas na dependência do poder e têm efeitos de poder.

Como esse trabalho trata de um periódico que visa a uma divulgação doutrinária do Espiritismo, precisamos compreender, com essa análise de discurso, que a condição requerida é o reconhecimento das mesmas

verdades e a aceitação de certa regra de conformidade com os discursos validados (FOUCAULT, 1996, p. 42). A doutrina “liga os indivíduos a certos tipos de enunciação e lhes proíbe conseqüentemente todos os outros” (FOUCAULT, 1996, p. 43). Há então uma apropriação social dos discursos, que perpassam de um contexto discursivo mundial, de articuladores espíritas de destaque mundial, nacional para sujeitos representativos da sociedade passo-fundense espírita.

O discurso espírita acerca de uma representação da mulher pode ser associado com a ideia defendida por Bourdieu ao afirmar que há um novo campo de lutas pela manipulação simbólica da condução de vida privada e a orientação da visão de mundo (BOURDIEU, 2004, p. 121), nesse caso o do gênero feminino. Tendo desse modo agentes que estão em concorrência no campo da manipulação simbólica.

São pessoas que se esforçam para manipular visões de mundo (e desse modo, para transformar as práticas) manipulando a estrutura da percepção do mundo (natural e social), manipulando as palavras e, através delas, os princípios da construção da realidade social (BOURDIEU, 2004, p. 123).

Desse modo, fica evidente a permeabilidade do campo religioso por entre o campo de gênero na busca de uma construção do poder simbólico. Bourdieu considera importante não a natureza da mensagem religiosa, mas a sua capacidade de atendimento de uma demanda específica tanto religiosa como especificamente ideológica (BOURDIEU, 2007, p. 92). Bourdieu aponta que a religião, em sua função ideológica, é entendida como uma prática política de fazer absoluto o relativo e da legitimação do arbitrário, contribuindo assim para a imposição dissimulada de princípios de estruturas que geram a percepção do pensamento do mundo e, em particular, do mundo social (BOURDIEU, 2007, p. 92).

A escolha de numerosas imagens de mulher denota uma preocupação muito viva com a definição dos papéis femininos. É difícil saber como eram lidos tais textos; como eram vividas, experimentadas no cotidiano essas imagens de mulheres que o periódico *Orientador* reproduziu. Ademais, não podemos saber se todas essas campanhas homogeneizadoras tiveram extensivo alcance e se esse jornal atingia apenas parte da população letrada. Entretanto esses discursos conservadores do papel feminino esbarravam com vivências culturais que traziam há muito tempo outros modelos de papéis sexuais, difíceis de transformar.

FONTES

- CASTRO, Almerindo. Mulher – síntese do mundo. **Orientador**, Passo Fundo, n. 2, p. 3, 31 maio 1948. [Acervo digital].
- COGO, Pedro. Centro Espírita Dias da Cruz. **Orientador**. Passo Fundo, n. 11, p. 3, 29 de fevereiro de 1949. [Acervo digital].
- COMO foi dado ao mundo o Dia das Mães. **Orientador**, Passo Fundo, n. 2, p. 5, 31 maio 1948. [Acervo digital].
- DIA das Mães. **Orientador**, Passo Fundo, n. 2, capa, Editorial, 31 maio 1948. [Acervo digital].
- DIA das mães. **Orientador**, Passo Fundo, n. 13, p. 4, Editorial, 30 de maio de 1949. [Acervo digital].
- DIA das Mães. **Orientador**, Passo Fundo, n. 26, capa. Editorial, maio 1950. [Acervo digital].
- KWITKO, Julieta. O sublime papel da mulher. **Orientador**, Passo Fundo, n. 106, p. 4, jan. 1957. [Acervo digital].
- MISTRAL, Gabriela. Oração das Mestras. **Orientador**, Passo Fundo, n. 53/57, p. 4, ago./dez. 1952. [Acervo digital].
- NETO, Coelho. Ser mãe. **Orientador**, Passo Fundo, n. 38, capa, 2, junho de 1951. [Acervo digital].
- ORIENTADOR sai do prelo, hoje pela primeira vez. **Orientador**, Passo Fundo, n.1, capa, Editorial. 30 de abril de 1948. [Acervo digital].
- ROSA, Julieta. Carinho. **Orientador**, Passo Fundo, n. 30, p. 2, 30 setembro. 1950. [Acervo digital].
- ROZENDO, Dalva. A educação da criança. **Orientador**, Passo Fundo, n. 20, p. 3, novembro de 1949. [Acervo digital].
- ROZENDO, Dalva. Mãe – mulher dignificada. **Orientador**, Passo Fundo, n. 38, p. 3, 2 junho. 1951. [Acervo digital].
- XAVIER, Chico. Casamento. **Orientador**, Passo Fundo, n. 46, p. 2. Janeiro de 1952. [Acervo digital].

REFERÊNCIAS

- BATISTELLA, Alessandro (Org.). **Patrimônio, memória e poder**: reflexões sobre o patrimônio histórico-cultural em Passo Fundo (RS). Passo Fundo: Méritos, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. Gênese e estrutura do campo religioso. In: BOURDIEU, Pierre; MICELLI, Sérgio (Org.). **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2007. p. 27-69.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Os Arautos do Liberalismo**. Imprensa paulista, 1920-1945. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- DIAS, José Roberto de Lima. **A Evolução (1892-1893)**: uma amostra dos fatores constituintes do sistema literário espírita. 2006. 121f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, RS, 2006. Disponível em: <<http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/2913/joseroberto.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 05 jun. 2017.

_____. **Percursos da racionalização do sagrado no espiritismo**: um conjunto de ideias presentes na literatura e na imprensa brasileira (1857-1915). 2011. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1997.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

KARDEC, Allan. **O livro dos espíritos**. São Paulo: Petit, 1999.

LUCA, Tânia Regina de. A história dos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-154.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto/Ed. UNESP, 1997. p. 443-481.

MACHADO, Ubiratan Paulo. **Os intelectuais e o espiritismo**: de Castro Alves a Machado de Assis. Rio de Janeiro: Antares, 1983.

MONTEIRO, Eduardo Carvalho. **100 anos de comunicação espírita em São Paulo (1881-1981)**. São Paulo: Madras, 2003.

NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto/Ed. UNESP, 1997. p. 432-509

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios & procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto/Ed. UNESP, 1997. p. 278-321.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

SOUZA, Chaline de. **O sublime papel da mulher**: análise das representações das condições femininas no periódico espírita *Orientador* (1948-1958). Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2017. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B5BJ6nSKz9lSaHZEaI9YWWiXNGc/view>>. Acesso em: 05 jun. 2017.

ZANOTTO, Gizele; SILVA, Antônio Augusto Pereira da; GASTALDON, Daiana Brachak. “Orientador sai do prelo”: a difusão do Espiritismo nas páginas da imprensa prosélica de Passo Fundo. In: WEBER, Beatriz Teixeira; ZANOTTO, Gizele (Org.). **Religiões e Religiosidades no Rio Grande do Sul**: espiritismo e religiões mediúnicas. São Paulo: ANPUH, 2013. p. 47-80.